

Simmel e Bauman: modernidade e individualização

Alan Mocellim¹

Resumo: Georg Simmel, como um dos fundadores da sociologia, e Zygmunt Bauman, como um dos mais produtivos sociólogos da atualidade, ambos desenvolveram uma teoria da modernidade, e também uma teoria da individualização. Podemos notar também, além da centralidade desses temas, uma similaridade na maneira como os abordam. Ambos buscaram compreender a importância da razão na modernidade, e identificaram - cada um da sua maneira e em sua época - o aspecto móvel, dinâmico e instável da modernidade. Neste artigo iremos debater as idéias de Simmel e Bauman concernentes à modernidade e à individualização, buscando estabelecer diferenças e semelhanças no modo como abordam esses temas.

Palavras-Chave: modernidade; individualização; Simmel; Bauman.

Abstract: Georg Simmel, as one of the founders of sociology, and Zygmunt Bauman, as one of the most productive sociologists of the present days, both had developed a theory of modernity, and also a theory of individualization. We can notice also, beyond the centrality of these subjects, a similarity in the way as they approach them. Both had searched to understand the importance of the reason in modernity, and had noticed - each one in its way and at its time - the mobile, dynamic and unstable aspect of modernity. In this article we will go to debate the ideas of Simmel and Bauman concerning modernity and individualization, trying to establish differences and similarities in the way as they approach these subjects.

Key-Words: modernity; individualization; Simmel, Bauman.

¹ Alan Mocellim é graduado em Ciências Sociais e mestrando em Sociologia Política (UFSC).
E-mail para contato: a.mocellim@gmail.com

A modernidade e a individualização são dois dentre os temas de maior relevância nos debates das ciências sociais. A modernidade e a individualização são temas centrais também no trabalho de dois grandes pensadores: Simmel e Bauman.

Simmel, como um dos fundadores da sociologia, e Bauman, como um dos mais produtivos sociólogos da atualidade, desenvolveram uma teoria da modernidade, e também uma teoria da individualização. Podemos notar em ambos, também, além da centralidade desses temas, uma semelhança na maneira como abordam esses temas. Os dois autores em questão procuraram compreender o papel da razão na modernidade, e teorizaram - cada um da sua maneira e em sua época - sobre o aspecto móvel, dinâmico e instável da modernidade.

Neste artigo serão contrapostas e associadas as idéias desses dois autores acerca da modernidade e da individualização. Começaremos debatendo diretamente as semelhanças e diferenças nas visões de ambos sobre esses fenômenos. Em seguida serão expostas questões subjacentes ao debate sobre modernidade e individualização – questões essas que são fundamentais para a compreensão do pensamento desses dois autores – tais como o dinheiro e o consumo, a objetivação e a instrumentalização, a ambigüidade e a ambivalência. Começemos então com suas teses centrais sobre a modernidade.

A Modernidade

Para Simmel, a modernidade pode ser entendida através de seus dois principais símbolos – eles representam o especificamente moderno, características que só puderam emergir com o advento da modernidade – são eles: o dinheiro e a metrópole.

Frutos de um desenvolvimento histórico particular, esses dois fatores, dinheiro e metrópole, juntos produzem o que há de diverso no modo de vida moderno. Trazem consigo uma dualidade que só na modernidade pode ser acentuada de modo radical: um aumento da individualização conjuntamente com um aumento da impessoalidade.

O dinheiro é, para Simmel, um herói/vilão da modernidade. Por um lado permite que as relações sociais se libertem da dependência de pessoas específicas. Isso se deve ao fato

de ser um meio de troca universal, reconhecido por todos, o que torna possível a troca comercial independente. Por outro lado essa independência de relações sociais específicas torna o contato humano apenas um contato comercial. O dinheiro, como meio de troca universal, destrói toda especificidade, torna tudo nivelado. A impessoalidade do dinheiro é a fonte da impessoalidade das relações humanas.

“As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelção e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela. E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, um interesse comum, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade.” (SIMMEL, 1998a, p.28-29)

A Metrópole é o lugar onde, agora, muitos podem viver, e de forma um tanto heterogênea. A metrópole põe em contato as diferenças, e permite ao indivíduo, através de uma relativização da diferença – relativização que é fruto do contato intensivo com a diferença que a cidade permite – uma maior liberdade de ação. Enquanto em um vilarejo pré-moderno a diferença seria motivo de desconfiança, na metrópole moderna ele é tolerada – ou exigida, na medida em que é o exercício do individualismo. Assim como o dinheiro, a metrópole também produz como conseqüência a impessoalidade. Em meio a tantas diferenças, e na velocidade específica da cidade, a própria diferença se torna banal, se torna “lugar comum”. Em meio a tantos estímulos e tantas novidades a diferença se transforma em indiferença. O indivíduo da grande cidade é o indivíduo *blasé*, indiferente, incapaz de notar a diferença. Habitado à impessoal desatenção civil, ele é incapaz de notar a novidade. Segundo Simmel:

“Os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura da mais alta impessoalidade; por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal. Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude ‘blasé’. A atitude blasé resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana. (...) Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa blasé porque agita os nervos até seu ponto de

mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente param de reagir. (...) Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada. Isto constitui aquela atitude blasé que, na verdade, toda criança metropolitana demonstra quando comparada com crianças de meios mais tranqüilos e menos sujeitos a mudanças.” (1987, p.16)

Juntos, a vida da metrópole e o uso do dinheiro propiciaram uma maior mobilidade aos indivíduos modernos. Juntos permitiram um encurtamento das distâncias e a possibilidade de estabelecimento de um maior número de laços sociais. Trouxeram mais liberdade individual, libertando o homem dos laços estreitos da comunidade. Tornou tudo mais veloz. Porém, tornou também mais veloz o contato humano, tornou as relações sociais mais objetivas e impessoais, portanto, mais superficiais. E essa é a ambigüidade principal da modernidade: uma maior liberdade individual caminha lado-a-lado com uma maior impessoalidade – com uma objetivação e instrumentalização das relações sociais.

“Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de ‘quanto?’. O dinheiro, com toda a ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade. (...) As grandes cidades, principais sedes do intercâmbio monetário, acentuam a capacidade que as coisas têm de poderem ser adquiridas muito mais notavelmente do que as localidades menores. É por isso que as grandes cidades também constituem a localização (genuína) da atitude blasé.” (SIMMEL, 1987, p.16-14)

Para Bauman a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos.” (1999, p.14) Bauman distingue a modernidade em dois períodos: modernidade e pós-modernidade (1998; 1999); ou como tem preferido chamar em seus últimos trabalhos: modernidade sólida e modernidade líquida (2001; 2004; 2006).

A modernidade sólida, para Bauman, é caracterizada, principalmente, através da idéia de projeto moderno. O projeto moderno seria o projeto de controle do mundo pela razão. Esse projeto consistia em tornar o mundo o “melhor possível dos mundos” através do ordenamento racional e técnico. São dois os elementos de destaque em sua análise do projeto moderno: os Estados-Nações e a ciência. Através desses dois elementos o projeto moderno seguia o caminho de sua realização. O Estado, através de seu projeto:

(...) fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas.” (BAUMAN, 1999, p.29)

E não menos importante era a ciência:

“A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas ‘aonde nenhum homem ousou ir ainda’ nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir).” (BAUMAN, 1999, p.48)

Para Bauman, o projeto moderno, motor da modernidade sólida, realizava através dos Estados-Nações, uma eliminação da ambivalência. Tudo deveria ser conhecido e categorizado – para então ser controlado. Toda ambivalência – tudo que permanecesse duplo, confuso, “em cima do muro” – deveria ser eliminado. A ciência operou essa eliminação da ambivalência através da classificação do mundo, visando seu posterior uso técnico. Os Estados-Nações eliminavam a ambivalência através da separação entre os “de dentro” e os “de fora”, entre os estabelecidos e os *outsiders* – como diria Elias (2000). No entanto, o escândalo do projeto moderno se deu com a descoberta de que seus nobres meios racionais levaram à fins catastróficos. Assim como Adorno e Horkheimer (1985), Bauman vê a modernidade (sólida) como um período em que a razão se volta contra si mesma, ou seja, contra os que se utilizam da razão. Os campos de concentração e a tragédia nuclear abalaram profundamente a idéia de que o controle racional do mundo, pela eliminação da ambivalência, traria “o melhor dos mundos possíveis”.

A modernidade sólida foi, para Bauman, um período de controle, dominação, mas nem por isso, mesmo que de maneira ambígua, não deixou de unir o mundo. Tornou, através dos diversos desenvolvimentos da indústria e do transporte, o mundo mais globalizado. Porém, com o fim da crença no projeto moderno, e com um desenvolvimento ainda maior dos meios de transporte e comunicação, emerge uma nova modernidade, a modernidade líquida. Se a modernidade sólida foi uma tentativa de controle racional do mundo, a modernidade líquida é o mundo em descontrole. Somente com o atual desenvolvimento técnico e solapamento do tempo

e do espaço - consequência direta desse desenvolvimento técnico – que a modernidade pôde se tornar líquida.

No mundo sólido dos Estados-Nações toda diferença era vista com desconfiança, ao passo que no mundo líquido a diferença se torna exigência: todos devem ser indivíduos particulares. No mundo sólido as formas de vida comunitárias ainda podiam existir – mesmo que reduzidas e isoladas – graças a certa exigência de unidade de conduta e modos de vida, que era núcleo da idéia de povo e de nação; já no mundo líquido a comunidade é tornada mito. Com a individualização radicalizada, todas as formas de sociabilidade que sugerem dependência mútua passam a ser vistas com desconfiança.

Podemos dizer, contrapondo Simmel e Bauman, que muitas características que para Bauman só se tornam relevantes na modernidade líquida sempre estiveram presentes na modernidade. A mobilidade, a liquidez das relações, a aceleração do ritmo de vida, são vistos por Simmel como fenômenos característicos de todo processo moderno (tanto que escrevia sobre isso nos primórdios do século XX), e não apenas de uma modernidade líquida que apareceria, conforme Bauman, a partir da última (ou das últimas) década do século XX. De certa forma, pensando a modernidade a partir da teoria da modernidade Simmel, o conceito de modernidade líquida perde muito de sua validade analítica, visto que algumas características que Bauman enumera como específicas de uma nova modernidade já haviam sido apontadas por Simmel.

Porém, na análise que Bauman faz da modernidade sólida, podemos ver privilegiados aspectos um tanto minorizados na abordagem de Simmel: o Estado-Nação e a ciência. Ao privilegiar apenas esses aspectos, a modernidade sólida de Bauman aparece como uma espécie de destopia do controle e da dominação. Aqui, podemos dialogar com Simmel que nos lembra que a modernidade trouxe, desde o início, também uma maior liberdade individual. A forma como Bauman enfatiza certos aspectos da modernidade sólida levantam certa margem de dúvida sobre o que realmente a faria diferir da pré-modernidade. Colocada nos termos de Bauman, em *Modernidade e Ambivalência* (1999), a modernidade se parece como uma pré-modernidade com um projeto racional de Estado e ciência, a diferença individual ainda aparece envolta em desconfiança. Mas, de forma alguma a modernidade (sólida) seria só isso. Podemos,

através das visões de Simmel e Bauman “reconstruir” a primeira modernidade conciliando a liberdade individual - que foi alcançada às custas de uma impessoalidade das relações sociais; ambas resultado da utilização do dinheiro e da vida na grande cidade – ao domínio racional sobre o mundo e sobre a sociedade. Aqui, Simmel e Bauman se corrigem e se complementam.

Individualização

Segundo Waizbort “*indivíduo e sociedade não são somente um dos pontos básicos da sociologia simmeliana, são antes pólos fundamentais da própria idéia de cultura filosófica.*” (2006, p. numero)

Podemos dizer que Simmel foi o primeiro a inserir um debate mais profundo sobre o indivíduo na sociologia. Mesmo sendo Durkheim o primeiro a debater a idéia de individualismo, somente com Simmel que o indivíduo ganhou centralidade na teoria social.

Para Simmel, somente com a modernidade que realmente pode-se falar de individualismo ou individualização. Não que as pessoas particulares não fossem indivíduos anteriormente, mas que somente puderam entender-se como tais e se diferenciarem com a emergência da modernidade e da vida na grande cidade:

“A medida que o grupo cresce (...) na mesma medida, a unidade direta, interna, do grupo contra os outros se afrouxa e a rigidez da demarcação original contra os outros é amaciada através das relações e conexões mútuas. Ao mesmo tempo, o indivíduo ganha liberdade de movimento, muito para além da primeira delimitação ciumenta. O indivíduo também adquire uma individualidade específica para a qual a divisão do trabalho no grupo aumentado dá tanto por ocasião quanto por necessidade. (...) A vida de cidade pequena na Antiguidade e na Idade Média erigiu barreiras contra o movimento e as relações do indivíduo no sentido exterior e contra a independência individual e a diferenciação no interior do ser individual. Essas barreiras eram tais que, o homem moderno não poderia respirar. Mesmo hoje em dia, um homem metropolitano que é colocado em uma cidade pequena sente uma restrição semelhante, ao menos, em qualidade.” (SIMMEL, 1987, p.19)

Simmel distingue duas formas de individualismo: o individualismo quantitativo e o individualismo qualitativo. O individualismo quantitativo é aquele da liberdade individual iluminista, ele é significativo do século XVIII. Essa forma de individualismo prega o ser

humano como ser universal, livre e igual em toda parte. A distinção, aqui, é secundária, a igual condição humana prevalece como lei universal. Distinta dessa forma de individualismo é o individualismo do século XIX. Esse compreende o indivíduo como único, distinto e específico. (SIMMEL, 1998b)

O individualismo qualitativo só pôde surgir após o individualismo quantitativo ter feito da igualdade e da liberdade valores universais. O individualismo qualitativo é associado ao romantismo. É um individualismo crítico, e mesmo oposto, à idéia de homem universal. Ele leva, através do exercício da distinção e da diferença, a uma parcial ruptura com a impessoalidade característica da modernidade - promovida pelo dinheiro e pela vida na metrópole. Por trás dele subjaz a crítica romântica à razão universal e ao modo de vida moderno, de modo que a ênfase na distinção e na diferença se torna uma reafirmação dos sentimentos e da interioridade.

Assim, as duas formas de individualismo, propostas por Simmel, confluem na vida na cidade grande. O individualismo do século XVIII, com seu ideal de liberdade e igualdade, e o individualismo do século XIX, com os ideais da distinção, diferença e interioridade.

Bauman ressalta que “*A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna*” (2001, p.39) Passemos então a discutir a visão de Bauman acerca da individualização.

Ser indivíduo significa dispor de uma certa margem de liberdade de ação, margem que só se abre com a modernidade. A pré-modernidade não podia trazer o problema da liberdade nos termos em que veio a ser formulado na modernidade. A coerência com a comunidade tornava o problema da individualidade irrelevante. Somente com a modernidade que a liberdade individual se torna central e importante. Bauman conceitua individualização como o “*transformar a identidade humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização.*” (2001, p.40)

Na modernidade sólida a igualdade era, ainda, um valor tão importante, ou mais, que a liberdade. Nesse contexto a individualização, apesar de importante, era secundária. A modernidade sólida foi o período de eliminação da ambivalência, o que tornava qualquer distinção um tanto perigosa. Os estados nacionais, com uma exigência de homogeneidade interna das identidades, impediam uma radicalização da individualização, como ideal de distinção. O indivíduo podia ser distinto e diferente, no entanto, caso desejasse uma aceitação plena deveria se conformar à identidade do Estado a que pertencia. No entanto, os indivíduos já eram entendidos como livres e iguais, podendo exercer direitos e deveres, sendo responsabilizados por suas ações, e sendo livres para empreender a tarefa de construção de uma identidade. O indivíduo já não era determinado pelo lugar no qual nascia, e por relações pré-estabelecidas. Com a modernidade (sólida) os indivíduos deveriam ambicionar se tornar alguém, e lidar com as conseqüências dessa ambição, tendo em vista que poderiam inclusive fracassar em pleno caminho de sua realização como indivíduos.

A modernidade líquida, sem a necessidade de homogeneidade nacional, torna o indivíduo a lei universal, isto é, agora todos devem ser indivíduos. Todos devem ser distintos através de seus próprios recursos. O consumo aqui tem um importante papel, ele se torna, na modernidade líquida, a principal forma de construção da individualidade. Como o consumo, que é passageiro – e se esvai com o fim do desejo – o indivíduo se torna algo móvel, passageiro:

“Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.” (BAUMAN, 2005, p.60)

A identidade individual se torna passageira, o consumo se torna a forma de construção do *self*, e como produtos que se alternam nas propagandas, o indivíduo rompe com a fixidez. O indivíduo agora, sem obrigatoriedade de conduta em conformidade com a comunidade, se torna livre, mas essa liberdade é relativa na medida em que suas opções de construção da individualidade são limitadas (ou ilimitadas) pelo consumo.

Comparando a individualização nas visões de Simmel e Bauman podemos perceber certa conexão entre as formas de individualização quantitativa e a individualização na

modernidade sólida; e entre a individualização qualitativa e a individualização na modernidade líquida. Porém, para Simmel, ambas coexistem na metrópole, e ambas são existentes e co-existent desde o século XIX. Para Bauman, porém, a liberdade de se distinguir só se tornou significativa com o fim da modernidade sólida. Só com a modernidade líquida o indivíduo se torna único – ou assume o dever de ser único. De certa forma, podemos dizer que Simmel antecipa muitos problemas que só agora são formulados por Bauman. E, além disso, Simmel captou a ambigüidade da individualização na modernidade, enquanto Bauman parece entender muito univocamente a individualização em cada período. Por outro lado, Bauman levanta importantes questões tais como o ímpeto de dominação intrínseco à modernidade sólida – que impede uma total individualização – e, a importância de consumo na construção da individualidade no período atual.

Dinheiro e Consumo

O dinheiro tem papel fundamental na teoria da modernidade desenvolvida por Simmel, representa, conjuntamente com a metrópole, os fatores centrais do modo de vida moderno.

O dinheiro é, para Simmel, a força que une e afasta. Ao se tornar meio de troca universal, o dinheiro permite uma aproximação entre diversas pessoas. Todos podem se comunicar pela linguagem universal do dinheiro. Por via do comércio – que com a modernidade é comércio global – o dinheiro aproxima pessoas que nunca estariam próximas de outro modo. Por outro lado, ele afasta. Afasta porque a relação social estabelecida por meio do dinheiro é meramente instrumental. O contato que se dá através do dinheiro – ao contrário das trocas comerciais de sociedade sem dinheiro – é impessoal, não cria vínculos que possam perdurar, é uma relação social em que o objeto (o dinheiro) adquire a centralidade.

Além disso, o dinheiro opera um nivelamento gradual do social, ele reduz tudo à relação comercial. Com o dinheiro tudo se torna passível de ser medido e contabilizado, o valor se reduz ao valor monetário. A lógica do cálculo da economia monetária penetra a modernidade e influencia decisivamente no caráter racional da modernidade. Dentro da lógica do cálculo

racional, o dinheiro torna tudo indiferente, destrói as diferenças, pois, em última instância, através dele tudo pode ser obtido.

“(...) a economia monetária exige operações matemáticas contínuas no comportamento social do dia a dia. A vida de muitos homens é preenchida de tais operações, como taxar, estimar, calcular e reduzir valores quantitativos. Isso contribui para o caráter racional e calculador da época moderna em contraposição às épocas anteriores, que tinham um caráter mais impulsivo, mais emocional, mais dirigido ao todo.” (SIMMEL, 1998a, p.37)

Para Bauman, porém, no atual período da modernidade, a centralidade não se encontra propriamente no dinheiro, e sim no seu uso, no ato de consumo, se hoje o dinheiro é tão importante é porque apenas através dele podemos nos realizar no consumo de bens. Segundo ele:

“Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição ‘sine qua non’ de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ‘ter identidade’” (BAUMAN, 2001, p.98)

Simmel sugere que a posse do dinheiro seria o modo moderno de obter a sensação de conforto obtida, anteriormente, através da religião. Para Bauman, hoje, a posse do dinheiro já não é tão confortável como o seu gasto. Podemos, pensando através desses autores, chegar a conclusão que, se até pouco tempo a posse do dinheiro era confortável – era mesmo uma dádiva de Deus, trazia conforto por ser resultado de uma dádiva divina pelo trabalho na terra (WEBER, 2004a) – hoje parece que o conforto já não é a maior e mais importante sensação proporcionada pelo dinheiro. Se concordarmos com Bauman, podemos dizer que o conforto da posse de dinheiro foi substituído pelo prazer de seu gasto. É lógico, no entanto, que para consumir é necessário ter dinheiro, mas, o crucial aqui é que a predominância do prazer pelo consumo em detrimento do conforto da posse faz da posse mesma irrelevante. Como conseqüências disso o instante – de consumo – substitui o “a longo prazo”, o presente substitui o futuro. E aqui está uma das hipóteses centrais da modernidade líquida: por conseqüência do consumo as pessoas se tornam cada vez mais “presenteístas”.

Objetivação e Instrumentalização

Para Simmel, a cultura é vista como um processo e simultaneamente como um progresso. Esse progresso que se desenvolve no seio da cultura é o processo da racionalização do social. O progresso da cultura significa um aumento cada vez maior da consciência dos meios e fins. (WAIZBORT, 2006, p.130-140)

A cultura opera, então, para Simmel, um processo de objetivação. Isso significa que cada vez mais os objetos se autonomizam perante os sujeitos, e que os meios que só existiam em função de se atingir um fim se tornam um fim em si mesmo.

O dinheiro representa o a mais completa situação de objetivação. O dinheiro é o objeto que como nenhum outro ganhou proeminência diante dos sujeitos. Ele é também o meio – meio de troca – que se tornou fim em si mesmo. O dinheiro, de mediador das relações de troca, passou a ser regulador e nivelador das relações sociais. E mais do que mediador, mais do que um meio para a troca, o dinheiro se tornou o meio universal, capaz de trocar tudo, e assim, substituiu tudo, se tornando um fim, e não mais um meio.

Porém, para Simmel, não é só o dinheiro que se torna um fim em si mesmo. A racionalização da cultura leva mesmo a um processo cada vez mais profundo de reificação. Nesse contexto a técnica e a especialização passam, cada vez mais, a ser considerados, não mais meios de se atingir um fim, mas valores supremos da modernidade.

Aqui podemos perceber que o diagnóstico da modernidade Simmel se assemelha ao de Weber (2004b) – do qual era contemporâneo. Também Adorno e Horkheimer (1985) retomam o tema posteriormente - e em grande medida influenciados tanto por Weber quanto por Simmel (WAIZBORT, 2006, p.161). Assim como eles, Simmel percebe na racionalização a predominância do meio sobre o fim, um movimento em que a racionalidade instrumental instrumentaliza toda a existência humana. No entanto, diferente deles, Simmel não vê como conseqüências da racionalização moderna apenas uma diminuição da possibilidade de ação humana. A modernidade não traz apenas uma dependência de meios cada vez mais específicos, de procedimentos técnicos, da burocracia; em meio à racionalização que torna tudo mais objetivo e impessoal, a modernidade também produz uma maior autonomia individual.

Justamente porque, agora, os procedimentos são únicos, e independentes de laços pessoais, justamente por isso o indivíduo ganha mais autonomia.

Apesar de Bauman não escrever especificamente sobre objetivação e instrumentalização, existe subjacente a sua teoria sobre a modernidade, uma teoria da instrumentalização.

Bauman também constata que a modernidade representa - assim como Adorno e Horkheimer (1985) constataram - um crescente predomínio da racionalidade instrumental. A racionalização percebida por Bauman (1999), opera na modernidade - tal como Weber (2004b) acentua - através principalmente da ciência e do Estado. A eliminação da ambivalência é definida por Bauman como o exercício da modernidade rumo à racionalização. O objetivo da ciência era eliminar toda a incerteza, imprevisibilidade e indeterminação. Da mesma forma, o objetivo do Estado era a eliminação de suas contradições internas, e isso significava a exclusão dos que não se adaptassem.

O ser humano, nesse movimento de eliminação da ambivalência, foi tomado como objeto a ser moldado pela racionalidade científica e técnica, e também pela racionalidade legislativa. Assim como o mundo dos objetos manipulados pela ciência e pela técnica, a sociedade passou a ser tomada como objeto de manipulação técnica. A engenharia social foi a transformação do ser humano num meio racionalmente controlável. A humanidade foi tomada, durante a modernidade sólida, como objeto de controle, como instrumento ajustável aos fins do projeto moderno.

Na modernidade líquida, porém, podemos identificar através da centralidade do consumo um meio por onde opera uma objetivação e instrumentalização das relações sociais. O consumo se torna, na modernidade líquida, fonte principal de satisfação. Mas, além de fonte de satisfação, o consumo se torna o meio por onde os indivíduos se constroem como sujeitos. Através da condição que é a posse de determinados objetos de consumo que uma identidade pode ser assumida ou não. A individualidade é assim, condicional à posse de objetos específicos, ou seja, sujeita ao mundo dos objetos que podem (ou não) ser adquiridos e consumidos. Segundo Bauman:

“O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’”. (1998, p.112-113)

Os objetos, como objetos de consumo, além disso, perdem rapidamente seu poder de sedução. Com o consumo a sedução se perde. E mesma coisa se dá com a individualização obtida através do consumo. Para ser indivíduo é necessário estar consumindo constantemente, pois, ao consumir, através da posse dos objetos de consumo, que o homem se torna indivíduo. Esta é uma estranha contradição - já percebida anteriormente tanto Marx (1989; 1994) quanto por Simmel: para ser sujeito o indivíduo necessita constantemente dos objetos, assim o sujeito perde a centralidade, deixa de ser sujeito, e só volta de ser sujeito através da posse dos novos sujeitos, que são os objetos.

A instrumentalização das relações sociais provocada pelo consumo, chega a tal ponto, para Bauman, que todas as relações passam a ser reduzidas a relações de consumo. Inclusive as mais profundas relações afetivas – amizades, namoros, casamentos – são afetadas pelo consumo como ideal do agir social moderno-líquido. O outro, passa agora, a ser tomado também como objeto de consumo, útil enquanto oferece satisfação, e dispensável ao fim da utilidade. As relações humanas dos indivíduos que se constroem pelo consumo, acabam sendo, como eles próprios, imagem do consumo, e acabam por gerar uma fluidez, uma fragilidade cada vez mais acentuada nos relacionamentos humanos. (BAUMAN, 2004; 2006)

Pudemos observar, como, para ambos, Simmel e Bauman, a objetivação e a instrumentalização constituem características importantes da modernidade. Simmel fez questão de deixar claro o aspecto ambíguo da instrumentalização que apesar de objetivar as relações sociais, deixa uma margem maior de atuação ao indivíduo. Bauman, por outro lado, assume em relação à modernidade (sólida) uma visão pessimista com relação à instrumentalização, vendo nela um redutor da liberdade de ação. Porém, em relação à modernidade líquida, Bauman levanta um importante questionamento sobre em que medida, por trás de toda a liberdade

individual da nova modernidade, se encontra um processo de instrumentalização das relações sociais, numa transformação destas em objetos de consumo.

Ambigüidade e Ambivalência

Tanto para Simmel, como para Bauman, indo além de uma teoria da modernidade, mas como base nesta, existe uma concepção da realidade humana como ontologicamente ambígua, ou ambivalente.

Simmel concebe a existência humana como drasticamente contraditória. As mesmas forças que trazem a individualização podem trazer a impessoalização. Da mesma forma, os conflitos entre sujeito e objeto e entre indivíduo e sociedade são, ambos, insolúveis. O próprio processo de reificação, e inclusive o fetichismo da mercadoria, é pensado por Simmel como uma condição antropológica, e não historicamente delimitada como sugere Marx (1994). A ambigüidade é inseparável de toda existência humana, e por isso mesmo, que a modernidade reúne, e não poderia deixar de reunir, eventos aparentemente opostos e contraditórios.

Essa visão simmeliana, concebendo a existência como ambígua, é herdeira da concepção nietzscheana da realidade humana como trágica. A tragédia é que apesar da resistência do indivíduo, e apesar de todas nossas tentativas, o mundo nos resiste e permanece imprevisível, e toda a existência humana é incondicionalmente dúbia. *“Tudo o que existe é justo e injusto e em ambos os casos é igualmente justificado.”* (NIETZSCHE, 2007, p.66) É isto que a compreensão do trágico nos diz. A ambigüidade da modernidade é para Simmel a própria ambigüidade da condição trágica do ser humano. Violência e paz, sujeito e objeto, razão e impulso; são todos insolúveis, irredutíveis e complementares.

“(…) Simmel interpreta a tragédia da cultura, da sociedade e do indivíduo como uma instância particular do conflito propriamente metafísico opondo as formas à vida. Ora, se a oposição entre o sujeito e o objeto não é historicamente determinada, como é o caso em Marx e Weber, se ela resulta de forças cósmicas e decorre efetivamente da fatalidade universal, então o conflito entre a alma e as formas, assim como entre o indivíduo e a sociedade, se torna propriamente insolúvel.” (VANDENBERGHE, 2005, p.200)

Bauman, da mesma forma, parece conceber a ambivalência como insolúvel, e condição humana fundamental. A modernidade significou uma luta contra a ambivalência, ou seja, uma luta contra toda e qualquer indeterminação. Foi a tentativa de eliminar a incoerência de toda a existência humana. Tentativa que só poderia fracassar, pois mesmo a eliminação da ambivalência só faz dar conta de que mais ambivalências existem.

O grande problema da modernidade foi, para Bauman, a suposição de que a ação política – e técnica - racionalmente orientada poderia eliminar toda a contradição do mundo. No entanto a incerteza e a contradição são constitutivas de toda ação. Como nos lembra Arendt:

“(...)Pelo fato de que se movimenta sempre entre e em relação a outros seres atuantes, o ator nunca é simples agente, mas também, ao mesmo tempo, paciente. Agir e padecer são como as faces opostas da mesma moeda, e a história iniciada por uma ação compõe-se de seus feitos e dos sofrimentos deles decorrentes. Estas conseqüências são ilimitadas porque a ação, embora possa provir do nada, por assim dizer, atua sobre um meio no qual toda reação se converte em reação em cadeia, e todo processo é causa de novos processos. Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar outros.(...) embora as várias limitações e fronteiras que encontramos em todo corpo político possam oferecer certa proteção contra a tendência, inerente à ação, de violar todos os limites, são totalmente impotentes para neutralizar-lhe a segunda característica relevante: sua inerente imprevisibilidade. (...) a imprevisibilidade decorre diretamente da história que, como resultado da ação, se inicia e se estabelece assim que passa o instante fugaz do ato. O problema é que, seja qual for a natureza e o conteúdo da história subsequente seu pleno significado se revela quando ela termina.” (1991, p.203-204)

Temos tanto para Simmel quanto para Bauman um reconhecimento de que a existência humana é profundamente ambígua. A compreensão de ambos à cerca da modernidade é marcada por esse reconhecimento da ambigüidade. Para Simmel a modernidade, em suas contradições, não reflete nada mais que a ambigüidade humana fundamental. E para Bauman a modernidade significou uma luta contra essa ambigüidade, uma tentativa de sujeitá-la ao domínio racional.

Considerações Finais

Pudemos efetuar uma comparação entre a concepção de modernidade de Simmel e a de Bauman. Para ambos o processo de individualização é central na modernidade, assim como o processo de racionalização das relações sociais.

Porém, pudemos notar algumas diferenças na argumentação de ambos. Se partirmos da idéia de modernidade de Simmel se torna um tanto questionável que a mobilidade, instabilidade e liquidez que Bauman atribui como características da modernidade líquida sejam, realmente, específicas do período atual da modernidade. Simmel enfatiza que a modernidade sempre implicou na aceleração e na diluição do tempo e do espaço, tese que sendo aceita invalida, em parte, a metáfora do líquido e do sólido como qualificações distintivas de dois períodos da modernidade. Além disso, supondo que a modernidade esteja passando por um novo período, se torna também questionável em que medida a tarefa de eliminação da ambivalência através da razão – na sociedade e no conhecimento – tenha sido abandonada. Se agora toleramos as diferenças, isso não significa, contudo, que tenhamos abandonado o projeto racional de controle do mundo – e a prova disso são os desenvolvimentos atuais da ciência e das novas tecnologias.

No mais, podemos adotar Simmel e Bauman como visões complementares acerca da modernidade e do indivíduo. Se Simmel pensou os modos de vida especificamente distintos da modernidade através da inserção do dinheiro na cultura moderna e da vida na metrópole, Bauman, por outro, tem seu mérito ao conceber a modernidade como projeto de controle estatal e científico, valorizando, assim, instituições sociais e políticas que são secundárias na análise simmeliana da modernidade.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1985.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844. FERNANDES, Florestan (org.). **Marx – Engels**. 3ªed. São Paulo: Ática, 1989. p.146-164 (coleção grandes cientistas sociais, n.36)
- MARX, Karl. O Fetichismo da mercadoria: seu segredo. *In*: **O capital**: crítica da economia política. 14ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p.79-93.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**: ou helenismo e pessimismo. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. *In*: VELHO, Otávio G (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Unb, 1998a. p.23-40.
- SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Unb, 1998b. p.109-117.
- VANDENBERGHE, Frédéric. **As Sociologias de Georg Simmel**. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2005.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. 2ª ed. São Paulo Editora 34, 2006.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 2 vol.1ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Brasília: UNB, 2004b.